

O fascinante e pedagógico Circo na Escola: o ensino das artes do circo na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Amapá

Emerson de Paula Silva
Joseph Batista Oliveira dos Santos

Recebido em: 22/04/2019
Aprovado em: 06/06/2019

DOI: 10.5965/2358092521212019163

RESUMO

A Arte se transformou em objeto de estudo e reflexão em um país como o nosso, marcado pela diversidade cultural. Sendo assim, apresentamos o relato de experiência de uma ação do Programa de Cultura da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), o PROCULT, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias (PROEAC). O PROCULT, inicialmente, possui três linhas de atuação. Cada linha é composta por Projetos de Extensão ou de Pesquisa-extensionista que têm como área temática a Cultura. Propomos tratar do recorte de um dos seus projetos, o “UNIFAP com a Escola – Ciclo de Oficinas Artísticas”. Este texto, portanto, relata um processo de ensino-aprendizagem a partir da linguagem do Circo.

Palavras-chave: *circo; escola; ensino-aprendizagem.*

RESPEITÁVEL PÚBLICO! A AULA DE CIRCO JÁ VAI COMEÇAR!

Senhoras e senhores, respeitável público de leitores! Apresento-vos a vossa majestade, o Circo! Diferente e jamais menos importante do que os clássicos circos, apresento-vos um circo sem lona (sem a concreta e majestosa cobertura), um circo entre muros e paredes, realizado em cima da terra ou de um piso, realizado debaixo de um telhado ou sob árvores. Um circo no coração e no imaginário de cada criança da escola. Senhoras e senhores, refiro-me a uma experiência pedagógica em que o universo circense adentrou o universo educativo na perspectiva de formação de crianças e, através dos saberes circenses puderam ser trabalhados e aprendidos diferentes valores necessários para formação humana. Portanto, apresento-vos o Fascinante e Pedagógico Circo na Escola.

O PROCULT – Programa de Cultura da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), visa a ampliar a pluralidade de conhecimentos acerca da Arte e da diversidade cultural, projetando e realizando distintos projetos de extensão e de pesquisas extensionistas, tanto para a comunidade acadêmica quanto para a comunidade local de nosso Estado. Por meio do projeto “UNIFAP com a Escola – Ciclo de Oficinas Artísticas”, foi possível experimentar no Estado do Amapá a proposição do Ensino das Artes do Circo no currículo da Educação Básica, em específico no programa educacional planejado para o 4º ano do Ensino Fundamental I, atendendo duas turmas do turno da tarde (4ºA e 4ºB), da Escola Maria Luiza Bello da Silva. Esta escola também funciona como Colégio de Aplicação da Universidade. Nessa perspectiva:

É sabido que as artes do circo continuam atraindo a atenção de um público diversificado e que nas últimas décadas têm mostrado um significativo crescimento das experiências pedagógicas que fazem dessa linguagem uma opção de formação artística e um importante agente educativo. (BORTOLETO; BARRAGÁN; SILVA, 2016, p. 04).

A partir desse olhar pedagógico, o projeto em questão propôs a inclusão do circo no currículo escolar numa iniciativa piloto, com o desafio de pensar e executar essa proposta de circo pedagógico. Este relato tem como proposta metodológica a análise qualitativa, e tem como referência a prática realizada, os relatos, os registros em imagem e vídeo, bem como as questões teóricas e práticas que nortearam o processo experimentado e vivenciado.

O Projeto “UNIFAP com a Escola – Ciclo de Oficinas Artísticas” realiza ações artísticas, culturais, educativas e sociais em comunidades que carecem de informações e oportunidades de inserção social e cultural, utilizando sempre a escola dos bairros a serem visitados, por entender este espaço como um local agregador e que reflete a realidade de cada uma dessas localidades.

As Artes, contemporaneamente entendidas como formas

de representação simbólica para a comunicação de pensamentos e sentimentos do ser humano, em bases outras distintas do discurso verbal, fizeram com que seu valor e importância na formação do educando fossem concebidos em novas bases. Por isso, faz-se importante levar o contato com a Arte a diferentes espaços e pessoas para desmistificar seu elitismo e promover inclusão cultural.

A palavra escola presente no título do projeto procura ampliar o entendimento deste espaço educativo, proporcionando ações nos diferentes níveis de formação escolar, procurando também atingir os docentes em seus diversos estratos de atuação, por serem agentes de formação crítica.

ATO I - REFLEXÕES E QUESTÕES INICIAIS

No primeiro semestre de 2018, com os objetivos de ocupar outros espaços com aulas de circo, de realizar parcerias com escolas e, conseqüentemente, gerar um atendimento maior para o PROCULT, resolvemos experimentar a realização de aulas de artes circenses dentro da própria escola parceira, contando obviamente com o material básico que possuíamos.

Como já estávamos acostumados a desenvolver as aulas em locais amplos, o contato com a escola nos fez entender que a própria sala de aula seria adequada e funcionaria como lócus para a realização de algumas atividades circenses pedagógicas. Deslocávamos as cadeiras e utilizávamos o espaço mais usado na escola, porém outra reflexão surgia e começávamos a nos incomodar com a própria sala de aula, não por questão de espaço ou estrutura, mas por ser a mesma já bastante habitada pelos alunos durante o dia a dia na rotina escolar. Logo, questionávamo-nos: não seria melhor levar a atividade para outro espaço da escola? Ficávamos nesse dilema pensando que a sala de aula seria melhor para a organização e que o refeitório seria melhor por ser um espaço não tão utilizado para o ensino e aprendizagem, assim como outras indagações surgiam no

sentido de fortalecer a ideia de uso da sala de aula não como algo comum ou sem valor, mas a partir de uma ressignificação que aquele aparelho necessitava, gerando e experimentando outras possibilidades. Pensando a sala de aula não somente enquanto formato único e acabado com um aglomerado de carteiras dispostas em filas e, sim, investindo em uma possibilidade de transformá-la em um picadeiro para a construção do conhecimento, para o processo de condução dos saberes circenses dentro da proposta escolar, um local onde pudéssemos experimentar os formatos espaciais, nos sentarmos no chão da sala, em círculo.

Colaborando com o olhar das crianças em relação a enxergar aquele ambiente por outros ângulos, e não somente como um quadrado comum e rotineiro, mostrando que ele poderia se transformar em outros universos de aprendizagem e que para a nossa proposta seria nosso próprio picadeiro de aula. Posteriormente, entendemos que o nosso circo na escola não deveria ter um espaço único, fosse a sala de aula ou o refeitório como já problematizamos, porém, possibilitar assim como os nostálgicos itinerantes circos a realização de deslocamentos. Nossa itinerância aconteceria dentro da própria escola, ocupando diferentes espaços, fazendo com que as aulas de circo se dessem dentro das salas de aula, no refeitório, no gramado do terreno da instituição, e até mesmo debaixo das árvores.

A falta de materiais foi a grande crise pela qual passamos durante o processo, o que colaborou com a descoberta e o fortalecimento da proposta de ressignificar o circo para a sua proposição pedagógica, com ou sem aparelhos, dando novos usos aos materiais no sentido de vencermos a crise instalada, de invertermos a situação e de aproveitarmos de forma positiva a realidade negativa na qual estávamos passando. O que gerou várias aulas, encontros e modalidades sendo trabalhadas e recriadas para se adaptar às situações, bem como com outras várias ações sendo realizadas dentro e a favor do projeto.



Figura 1: Aula adaptada na sala de aula para equilíbrios

Fonte: *arquivo pessoal dos autores*

ATO II - AULAS E AÇÕES DESENVOLVIDAS

As aulas de circo do PROCULT no Colégio de Aplicação aconteciam todas as segundas-feiras, inicialmente com a carga horária de uma hora (primeiro semestre), e foram divididas em dois módulos, sendo que cada um foi proposto em um dos semestres letivos de 2018.

O primeiro módulo aconteceu de março a junho e o segundo módulo de agosto a dezembro, totalizando 27 encontros. Desse total, 18 encontros foram destinados para aulas das modalidades escolhidas para integrar o currículo das oficinas, como: preparação física, equilibrismo (corda de chão, prato chinês), malabarismo (lenços e bolas) e acrobacia de solo. E nove destes encontros foram destinados à realização de ações diferenciadas, tais como: reuniões na escola, piquenique circense de encerramento do primeiro módulo, oficina de iniciação teatral, cine circo, gincana circense, oficina de introdução ao tecido aéreo, apresentação final e coquetel de encerramento com entrega de certificados.

As aulas eram divididas em três momentos principais: o primeiro momento dava espaço para a realização de uma atividade que explorasse até mesmo outras linguagens; o segundo momento era voltado para a preparação física que concentra-

va o trabalho com exercícios de alongamento e aquecimento; o último momento era destinado ao desenvolvimento da modalidade circense específica. Posteriormente a esses três momentos, era realizada uma conversa com os educandos para tratar de questões metodológicas de como a aula estava sendo recebida por eles.

Sobre as modalidades circenses abordadas nas aulas, foram desenvolvidas atividades que buscavam o desenvolvimento do equilíbrio, com dinâmicas e exercícios trabalhados de forma individual, em dupla e em grupos, jogos que focalizavam o equilíbrio de materiais ou objetos como balão, prato chinês, linhas desenhadas no chão e cordas no chão. O trabalho com malabares foi desenvolvido com bolinhas e lenços. Na acrobacia de solo foram tratados os movimentos: rolamentos frontais, salto esticado, pantana (estrelinha), envergada (ponte), parada de cabeça e pirâmides humanas. Explicações teóricas também foram realizadas de forma sucinta, bem como atividades avaliativas, uma vez que:

Entendemos que o aprendizado das artes circenses deve estar presente nas práticas e nos contextos educativos escolares. Aprender o circo pode ser muito mais do que aprender a jogar bolinhas, equilibrar-se em um arame ou divertir-se com série de palhaçadas. Além disso, os saberes circenses também podem ser ensinados por meio dos jogos. Deste modo os jogos circenses apresentam-se como um importante elemento pedagógico, não apenas para questões corporais, mas também para às histórico-sociais. (PRODÓCIMO; PINHEIRO; BORTOLETO, 2010, p. 177)

Pensando em propiciar um momento em que eles pudessem conhecer a linguagem teatral com reflexões acerca de como o teatro poderia colaborar para as atividades circenses e vice e versa, promovemos esta relação por entendermos que o universo circense aglutina linguagens e pluralidades de saberes coletivos, pois:

A utilização da linguagem circense como ferramenta no processo pedagógico que inclui a música, o teatro, a dança, a capoeira, a

cenografia e o figurino é, portanto, um novo sentido de produção coletiva do saber. Aprender a fazer circo, pensando nele como atividade cultural, artística e esportiva, pode fazer de meninos e meninas aprendizes e mestres permanentes, características definidoras do circo-família (SILVA, 2016, p. 16).

Portanto, durante todo o processo buscou-se trabalhar atividades plurais que exercitassem esse sentido de produção com a experiência teatral a partir da expressão corporal e expressão vocal, passando por um trabalho com gestos, ritmos e voz, trabalhando, paralelamente, com trava línguas, quadras populares, adivinhas além do conceito e entendimento deles a respeito da cultura popular.



Foto 2: alunos em atividade de alongamento

Fonte: *arquivo pessoal dos autores*

ATO III - O CIRCO COMO COMPONENTE PEDAGÓGICO NO PROCESSO EDUCATIVO

As aulas de circo da experiência relatada funcionaram como uma espécie de disciplina do currículo daquela instituição, disciplina própria e única não atrelada às disciplinas de Artes e Educação Física, mas, obviamente, colaborando com elas, bem como, de forma geral, colaborando para o desenvolvimento e formação das crianças participantes. Vale ressaltar que ao en-

tendermos o circo como disciplina, é necessário entender que isso se deu de forma experimental e que a proposta era diferente das disciplinas trabalhadas pelo currículo da Escola. Não tínhamos a aplicação de notas no boletim oficial, porém o registro maior dessa atividade provavelmente se deu nos próprios alunos, no quanto a experiência realizada teve significado para eles e para a escola. Esta iniciativa em conjunto com a instituição escolar nos faz pensar que:

É por isso que, devemos pensar uma escola cujo objetivo seja ensinar a viver. E para isso, devemos oferecer experiências que permitam uma visão do mundo mais sensível, mais corporal. Devemos substituir os dogmas tradicionais desenvolvendo atitudes e atividades de investigação, reflexão crítica e liberdade de criação, somente assim conseguiremos despertar a sensibilidade das crianças que um dia serão os cidadãos adultos da nossa sociedade (BARRAGÁN, 2016, p. 135).

O trabalho com o imaginário e com a ludicidade também foram cruciais para que tivéssemos êxito com essa proposta pedagógica e esse ressignificar do circo. Quando trabalhávamos exercícios ou dinâmicas nas quais induzíamos o trabalho com a fertilidade da imaginação, estávamos colaborando diretamente com a proposta experimentada. Dessa forma, percebemos, como esclarece Barragán (2016, p. 147), “[...] a magia e o encantamento que a lona exerce sobre crianças e adultos. Sendo assim, levar o circo para as escolas, significa ampliar o imaginário e o repertório lúdico das crianças, significa nos aproximar do riso, da arte, e de um movimento mais livre e menos regrado”. Uma linha demarcada com fita no chão: o participante “equilibrista” da atividade deveria atravessar de um ponto inicial a um ponto final, mantendo o equilíbrio e a postura exigida para tal função. No meio dessa travessia acontecia uma grande ventania que, simbolicamente, era realizada pelos alunos que assistiam e sopravam da plateia; mas, felizmente, a criança equilibrista conseguia atravessar. Esse é um exemplo de atividade realizada na modalidade de equilíbrios, na qual

além do desenvolvimento do componente principal da modalidade, trabalhávamos ludicidade e valores necessários para a vida, desde os obstáculos que temos que enfrentar até a busca constante por uma vida em equilíbrio.

No circo, desde a forma básica de se pegar na mão do colega como a maneira utilizada nas atividades de acrobacia de solo, por exemplo, já são utilizados fundamentos e valores como divisão e equilíbrio de força, colaboração, trabalho coletivo, concentração, dentre outras. O circo é um lugar para erros e acertos e isso tem sua importância na aprendizagem, aprendemos errando e observando respeitosamente os outros mais do que os julgando. As atividades do projeto proporcionaram de forma direta o trabalho com os saberes circenses atrelados aos valores humanos.

Vale ressaltar que o projeto aconteceu sempre respeitando as regras do ambiente escolar, promovendo constante diálogo com o coordenador pedagógico ao comunicarmos sobre nossas ações ou sobre quando levávamos algum convidado ou quando apresentamos o planejamento, as metodologias, as formas de avaliação, os materiais didáticos e as estratégias de trabalho para abordar questões como inclusão e diversidade.



Foto 3: atividade de massagem coletiva

Fonte: *arquivo pessoal dos autores*

POR HORIZONTES EDUCATIVOS

O desenvolvimento das oficinas de circo no Colégio de Aplicação/Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Luiza Bello através do projeto “UNIFAP com a Escola - Ciclo de Oficinas Artísticas” do Programa de Cultura (PROCULT) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) proporcionou uma experiência plural em que foram trabalhadas de forma pedagógica atividades e ações das crianças participantes com o universo do circo e também apreciações e aproximações com artistas que atuam no segmento circense no Estado do Amapá.

A sala de aula foi ressignificada, com a itinerância por outros espaços da escola em prol dessa experiência educativa e aventureira. Sim, foi uma prazerosa aventura! Foi um circo-aula realizado de forma bem organizada, ora simétrica e ora assimétrica, não teve espaço para tratar de estereótipos e realizar analogias entre circo e bagunça. Entendemos o circo por uma outra ótica. Vivenciamos aspectos do circo da forma real que ele se organiza, falamos de uma forma disciplinar e criativa. Raros foram os momentos em que precisamos estar um à frente ou atrás do outro, na maioria das vezes estivemos lado a lado, em círculo ou de forma intercalada para que pudéssemos nos enxergar melhor e nos reconhecemos como seres humanos em processo de formação.

Foi um fascinante e pedagógico circo na escola que não buscou a perfeição estética ou corporal. Buscou-se respeito, estima, felicidade e, acima de tudo, uma educação promotora de experiências significativas e transformadoras. Cá estamos nós, como artistas, pesquisadores e educadores na busca diária por essa educação sensível que é extremamente necessária e urgente, trabalhando para e em favor dela.

Tendo como referência a realização e concretização dessa experiência circense escolar, passamos a acreditar mais em um ensino de/das Artes, em um ensino de circo ou teatro, em uma educação prazerosa, em uma aula diferenciada e significativa para cada um de nós. Por uma educação de mãos dadas, com segurança, respeito, alteridade e pluralidade. Por

uma educação com criatividade, experiências e significados. Por uma educação com pontes, caminhos, atalhos, travessias e atravessamentos. Por novos horizontes educativos!

REFERÊNCIAS

BARRAGÁN, T. O circo e sua contribuição para a educação escolar. In: BORTOLETO, M.; BARRAGÁN, T.; SILVA, E. (org.). **Circo: horizontes educativos**. Campinas-SP: Autores Associados, 2016. p. 133-151.

BORTOLETO, M. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. São Paulo: Fontoura, 2010.

BORTOLETO, M.; BARRAGÁN, T.; SILVA, E. (org.). **Circo: horizontes educativos**. Campinas-SP: Autores Associados, 2016.

PRODOCIMO, E.; PINHEIRO, P. H. G.; BORTOLETO, M. A. C. Jogos circenses como recurso pedagógico. In: Marco Antônio Coelho Bortoleto. (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. 1ª ed., vol. 2. Várzea Paulista: Fontoura, 2010. p. 161-177.

SILVA, E. Aprendizizes permanentes: circenses e a construção da produção do conhecimento no processo histórico. In: BORTOLETO, M.; BARRAGÁN, T.; SILVA, E. (org.). **Circo: horizontes educativos**. Campinas-SP: Autores Associados, 2016. p. 7-26.